

22 º workshop de Educação Escolar Cristã – AECEP

Tema geral - Identidade: Discernindo quem somos para avançar no cumprimento de nossa missão

Tema da palestra – Quem somos nós na história cristã brasileira.

Inez Augusto Borges – Doutora em Ciências da Religião – vice-diretora da AECEP

Para o reformador João Calvino, a única sabedoria que pode ser considerada verdadeira e sólida consiste de duas coisas: o conhecimento de Deus e o conhecimento de si mesmo. Quando buscamos a verdade sobre nós mesmos, invariavelmente percebemos a poderosa mão de Deus nos dando tudo o que tornou possível nossa vida e nossa história. Isso vale para a história pessoal, assim como vale para a história das famílias e das nações.

Precisamos, portanto, buscar o conhecimento da história providencial da nossa nação. Precisamos reconhecer a soberania de Deus na nossa história.

A população do Brasil, nos trezentos primeiros anos, era composta por indígenas, cristãos velhos, cristãos-novos, cripto-judeus,, judeus e africanos. Os cristãos os oriundos de famílias tradicionalmente católicas. Os cristãos-novos eram judeus que foram obrigados a receber o batismo católico para fugir aos terríveis flagelos impostos pela Inquisição na Espanha e em Portugal. Entre os cristãos-novos, muitos assumiram completamente a fé católica. A grande maioria, entretanto, passou a viver uma dupla identidade: eram católicos nominais, mas mantinham as tradições judaicas dentro de casa. Muitas pessoas foram mortas por causa disso. Estes eram chamados de cripto-judeus. Os declaradamente judeus vieram apenas no período da colonização holandesa ou nasceram aqui durante este curto período. Foram expulsos juntamente com os holandeses.

A presença protestante até a metade do século XIX é registrada de forma dramática em dois episódios bem distintos: a invasão francesa e a invasão holandesa.

Em 1554 chegaram ao Brasil os missionários protestantes enviados por João Calvino, a pedido do governador da França Antártica, Nicolau Durand Villegagnon. Apesar de terem vindo a pedido do governador, os missionários logo foram destituídos de seus postos de evangelizadores e proibidos de dirigir o serviço religioso na colônia. Foram aprisionados e obrigados a redigir sua confissão de fé, o que, na prática, era uma confissão de culpa por não se submeterem aos comandos da doutrina de Roma.

A curta permanência dos cristãos reformados no Brasil está registrada no livro “Tragédia da Guanabara”, juntamente com a confissão dos missionários escrita horas antes de serem mortos. É, reconhecidamente, a primeira confissão cristã das Américas.

No ano de 1630 foi feita nova tentativa de dividir com os portugueses as terras brasileiras. Desta vez foram os holandeses que haviam aderido à Reforma Protestante. O sistema de governo eclesiástico e suas doutrinas eram de origem calvinista. Fundaram igrejas e presbitérios, realizaram assembleias nas quais os membros elegiam diáconos e presbíteros. Fundaram hospitais e escolas e organizaram missões e igrejas entre os índios. Também permitiram que os judeus praticassem livremente sua fé. No ano de 1637, quando chegou Maurício de Nassau, foi iniciada a construção da primeira sinagoga judaica no Brasil e em todo o continente americano. É chamada de a primeira sinagoga no novo mundo.

Com a expulsão dos holandeses, os judeus também foram forçados a deixar o Brasil ou fugirem para os setores, onde a inquisição ainda tentou alcançá-los. A Torre do Tombo, em Portugal, guarda os registros de muitos que foram sentenciados por acusação de marranismo (cripto-judaísmo).

Interessante destacar que, dentre os que tentaram retornar para a Holanda, um pequeno grupo de 23 pessoas acabou chegando à Nova Amsterdã, atual Nova York. Portanto, o primeiro grupo de judeus a chegar à América do Norte eram de procedência brasileira.

Com a expulsão dos holandeses, em 1654, o Brasil mergulhou totalmente na escuridão do catolicismo marcado pelas instituições do padroado e da Inquisição. A educação ficou limitada à ação dos jesuítas. O comércio ficou restrito à exploração portuguesa. Não era permitido no Brasil o ensino de qualquer profissão, nem a construção de estradas, nem a circulação de livros ou a imprensa. Os poucos livros que eram trazidos de Portugal, por aqueles que lá podiam estudar, eram submetidos a censura rigorosa.

As consequências não podiam ser diferentes. Quando a coroa portuguesa aqui chegou, em 1808, entre 97 a 99 % da população era analfabeta. A colônia era totalmente dependente da metrópole. Tanto o primeiro banco quanto a primeira biblioteca, a primeira faculdade e outras melhorias chegaram apenas após a instalação da família real entre nós.

Em 1859 chegou o primeiro missionário presbiteriano – Ashbel Green Simonton. Ele fundou a igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro, ajudou a fundar a igreja de São Paulo, criou presbitérios, jornal, e organizou o Sínodo e o Seminário. Morreu sete anos após sua chegada. Em seguida chegou George Chamberlain, que logo foi ordenado pastor. Mais tarde, juntamente com sua esposa Mary, Chamberlain fundaria a Escola Internacional, precursor do Colégio Presbiteriano Mackenzie e da

Universidade Presbiteriana Mackenzie. Metodistas, Batistas, Luteranos, Adventistas e Congregacionais também chegaram e fundaram igrejas e escolas.

Atualmente existem diversas associações de escolas batistas, associação de escolas presbiterianas, e também uma associação de associações de escolas evangélicas. Porque, então, o Brasil não desenvolveu uma ética mais compatível com os princípios cristãos? Porque não estamos influenciando o Brasil com os valores do evangelho?

Para responder a esta pergunta, é necessário retornar à História dos Estados Unidos.

As colônias da América do Norte, diferentemente do Brasil, foram povoadas por cristãos reformados. Na maioria delas houve liberdade religiosa desde os primórdios. Nas colônias do Norte, havia, desde a chegada no May Flower, o exercício do autogoverno, ou seja, o governo representativo. Os membros das igrejas eram também os membros da cidade. A eleição dos membros dos conselhos da cidade era feita com base em princípios bíblicos. Nos dias de eleição era pregado um sermão, enfatizando sempre o serviço público como serviço a Deus e ao próximo. Ser líder era servir. Em quase todos os casos, o serviço público não era visto como profissão e não era remunerado. Tratava-se realmente de serviço voluntário. Por isso os cargos deveriam ser ocupados por pessoas que tinham outras fontes de renda.

Este tipo de governo exigia grande investimento na educação das futuras gerações de governantes. Em escolas que enfatizassem os princípios sobre os quais desejavam educar a sociedade, não haveria garantia de permanência dos princípios sobre os quais estavam edificando a nação. Em 1642 já havia, em Massachusetts uma lei que obrigava os pais a ensinar ou encontrar alguém para ensinar seus filhos a ler e escrever. Em 1647 foi criada a lei obrigando as vilas com mais de 50 famílias a providenciarem escolas para alfabetizar as crianças e, as cidades com mais de 100 famílias, a terem uma escola que preparasse as crianças para o Harvard College.

Segundo alguns historiadores, por ocasião da Revolução da Independência, o analfabetismo nas colônias do norte era praticamente zero.

Entretanto, a situação começou a mudar a partir das primeiras décadas do século XX. A criação de Sistemas Nacionais de Educação começou a corroer o elevado nível intelectual, espiritual e moral da nação norte-americana.

O livro Conexão Leipzig revela a trajetórias das tragédias na educação dos Estados Unidos a partir do surgimento da chamada Psicologia Científica e sua aplicação no contexto educacional. Evidentemente, esta prática cientificista abandonou a Bíblia como livro texto. Abandonou o ensino de princípios bíblicos, impondo uma educação que considera os estudantes como animais que reagem com

base nos estímulos que lhe são apresentados e não como seres racionais e responsáveis, capazes de criar, de valorizar a História e de tirar ensinamentos dela, capazes de estabelecer conexões racionais e responsáveis entre os conteúdos estudados e suas escolhas para a vida. A educação cientificista distanciou o ser humano do seu criador, proporcionando a formação de gerações de jovens manipuláveis, capazes de se deixarem levar pela mídia e pelo consumo. Um dos responsáveis pela atual situação dos Estados Unidos é John Dewey, considerado “Pai da Educação Norte Americana”. Para ele, educação

consiste tanto na habilidade de utilizar o poder de alguém numa direção social quanto na habilidade de compartilhar as experiências de outros de forma a ampliar a consciência individual para a consciência da raça. O maior problema de toda educação é coordenar os fatores psicológicos e sociais. A educação deve ter como alvo destruir a livre vontade, de tal forma que quando os estudantes deixem a escola, eles sejam incapazes, pelo resto de suas vidas, de pensar ou agir de forma diferente do que seus mestres tenham desejado. Para isso, é necessário neutralizar a influência da família.

Charlotte Iserbyt tem pesquisado e escrito sobre o caos que assola seu país e tem publicado livros e artigos a respeito, além de participar da produção de filmes que são disponibilizados na internet. A luta de Charlotte Iserbyt é para que os norte americanos se conscientizem do que está sendo feito com suas mentes por meio das escolas públicas e privadas. Ela atuou como chefe de políticas educacionais na primeira gestão do presidente Ronald Reagan e participou de diferentes comitês de gestão escolar. Seu livro *The deliberate dumbing down of America* revela um assustador esquema de controle mundial que deveria começar pelo controle das mentes das crianças dos Estados Unidos. Segundo ela, “há um plano de longa duração para a transformação do povo norte-americano em servos, capazes de fazer apenas que lhes disserem para fazer”. A simples revisão de livros escolares impressos antes de 1910 revela que as crianças das escolas elementares do século passado aprendiam muitas coisas que atualmente não são vistas nem mesmo nas faculdades. Esta é uma das evidências do plano destrutivo denunciado por Iserbyt. Segundo ela, este projeto está plenamente em conformidade com os objetivos da UNESCO, conforme explicitado em documentos oficiais, os quais informam que sua tarefa de promover paz e segurança nunca poderá ser realizada totalmente pelos meios que lhes foram confiados, ou seja, a educação, a ciência e a cultura a não ser que seja alcançado algum tipo de unidade política mundial. O documento reitera que seu papel é educar os povos de forma a deixar cada vez mais clara a extrema necessidade de unidade política, familiarizando as pessoas com as implicações de transferir a total soberania das nações separadas para uma única organização mundial.

Foi neste contexto que surgiu, na década de 1960, a FACE – Foudation for American Christian Education. Verna Hall e Rosalie Slater perceberam o perigo no qual sua nação estava

envolvida. Elas decidiram ser muito explícitas no movimento de resistências. O retorno ao ensino bíblico, conforme ministrado nos primeiros séculos era a solução. Ensinar os fundamentos cristãos da nação e como a Bíblia se aplica a todas as áreas da vida – esta foi e é a missão do Pirnciple Approach nos Estados Unidos.

A Educação por Princípios no Brasil é herdeira desta tradição de educação integral, que valoriza todas as disciplinas que forma o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.

A AECEP tem procurado desenvolver sua própria trajetória, em aliança com nossos irmãos da outra América, que lutam contra a forte corrente de humanismo que busca paz sem Deus, sem responsabilidade, sem autogoverno, sem individualidade, sem alianças verdadeira entre Deus e o home. A paz que ele buscam é uma paz de laboratório, onde uns poucos controlam todos os demais.

Nosso papel, como educadores cristãos, é buscar o conhecimento de Deus e de nós mesmos, para discernirmos o momento no qual vivemos e qual é nosso papel nele. Deus nos chama. Ele nos convoca para uma batalha em favor do seu Reino. Que todos nós possamos dizer: Eis-me aqui, envia-me a mim conforme (Isaías 6). E que todos possamos ficar firmes na esperança de que não estamos sozinhos.

Clamou Asa ao Senhor, seu Deus, e disse: Senhor, além de ti não há quem possa socorrer numa batalha entre o poderoso e o fraco; ajuda-nos, pois, Senhor, nosso Deus, porque em ti confiamos e no teu nome viemos contra esta multidão. Senhor, tu és o nosso Deus; não prevaleça contra ti o homem.
II Crônica 14.11

Referências Bibliográficas

- BALDWIN. Alice Mary . The New England Clergy and the American Revolution. <http://archive.org/details/newenglandclergy00bald>
- CRESPIN, Jean. A tragédia da Guanabara. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.
- GOMES, Laurentino. 1808. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- _____. 1822. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- HUXLEY, Julian. UNESCO – Its Purpose and lits Philosophy. . Preparatoary commision of the United Nations Educacional, Scientific and Cultural Organization. 1946. <http://unesdoc.unesco.org/images/0006/000681/068197eo.pdf>
- ISERBYT, Charlote. The deliberate dumbing down of América. PDF <http://www.deliberatedumbingdown.com/MomsPDFs/DDDoA.sml.pdf>
- MÁSPOLI, Antonio de Araújo. Religião, Educação e Progresso. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000

NOVINSKY, Anita. A Inquisição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

_____ Inquisição. Prisioneiros do Brasil, séculos XVI a XIX. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

SALES, Sônia. D. Pedro II e seus amigos judeus. Goiânia: Kelps, 2010

PAOLO, Lione. The Leipzig Connection. Arresting Christian Science Monitor. Heron Books, 1993.

Disponível em [http://www.jmcf.net/Lionni%20-%20The%20Leipzig%20Connection%20-%20Systematic%20Destruction%20of%20American%20Education%20\(1993\).pdf](http://www.jmcf.net/Lionni%20-%20The%20Leipzig%20Connection%20-%20Systematic%20Destruction%20of%20American%20Education%20(1993).pdf)

SUTTON, Antony C. America's Secret Establishment - The Order of Skull & Bones